

ROBERTA AFONSO VINHAL WAGNER

**PAPEL DAS ELITES NO DESENVOLVIMENTO
POLÍTICO E ECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE
UBERABA (MG) – 1910 a 1960**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Rubia Farias Vlach

**Uberlândia – MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2006**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Roberta Afonso Vinhal Wagner

**PAPEL DAS ELITES NO DESENVOLVIMENTO POLÍTICO E
ECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE UBERABA (MG) – 1910 a 1960**

Profa. Dra. Vânia Rubia Farias Vlach
(Orientadora – UFU)

Profa. Dra. Lia Osório Machado
(Examinador – UFRJ)

Profa. Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso
(Examinadora – UFU)

Data: 24 de agosto de 2006.

Resultado: _____.

Com amor, dedico esta pesquisa ao meu esposo, Wellington e ao meu filho, Germano, pela cumplicidade e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Esta formalidade para agradecer os sujeitos constituintes que participaram de todo o processo de pesquisa, desde o projeto até a presente dissertação, torna-se uma mera exigência da academia mediante a grandiosidade e dedicação de todos.

À minha orientadora, Vânia Vlach, a quem devo minha iniciação à pesquisa, ao me apresentar o fantástico mundo do conhecimento como crescimento moral e intelectual. Suas orientações não ajudaram somente na presente dissertação, mas me ensinaram que o compromisso do educador transcende a universidade ao fazermos do conhecimento um instrumento de re-construção constante para uma sociedade crítica e libertadora.

Aos professores do Instituto de História da UFU, cujas observações foram imprescindíveis para a reformulação da análise proposta: Heloísa Pacheco e Célia Rocha Calvo, bem como o Alcides Freire Ramos.

Ao prof. Julio Cesar Ramires, do Instituto de Geografia, pelas colaborações no relatório de qualificação.

À grande amiga e cúmplice, Jeane Medeiros Silva, pela sua dedicação ao corrigir a redação da dissertação e ao contribuir com suas análises críticas. Pela paciência ao ouvir minhas angústias no decorrer da pesquisa; sua simplicidade e competência foram estímulos para a procura constante de superar os meus limites e fraquezas.

À Ínia Novaes Franco, a companheira e confidente que me ensinou que cada indivíduo se supera no seu devido tempo. Obrigada pela sua ternura e apoio durante esta caminhada.

À Elza Canuto, o meu porto seguro durante esta jornada do conhecimento, que me ensinou a transformar minhas deficiências em desafios capazes de superação.

Aos professores da graduação, Carlos Alberto Povia, Sonia Cecílio, Wilson Correia e Djalma Pelegrini, pelo incentivo e presteza que antecederam esta pesquisa.

Aos compadres e amigos, Paulo e Andréia Ferreira, pelo carinho e preocupação com meu filho Germano, suprimindo as minhas ausências.

Às amigas Patrícia Bielert e Suely Gomes, pela cumplicidade e pelo companheirismo nesta trajetória acadêmica.

À amiga Fernanda Borges, pelo sorriso e descontração, que me ajudaram nos momentos de dificuldades no decorrer da pesquisa.

Ao meu esposo Wellington, eterno cúmplice e aliado em todos os momentos de minha vida, grande incentivador e crítico da minha pesquisa, cujas observações foram os alicerces da presente dissertação, o meu muito obrigada.

Ao meu filho Germano, gerado ao mesmo tempo que esta pesquisa o foi, reclamando, em alguns momentos, pois conheceu todos os buracos da Br 050 (Uberaba-Uberlândia). A minha ausência como mãe nesses dois últimos anos (primeiros dele), não atendendo seus vários pedidos:

“mamanha, chega de be” (estudar e escrever), e mesmo assim um amor incondicional de filho, que me fortaleceu durante toda a pesquisa.

A toda a minha família, em especial ao meu pai Antônio Luiz Vinhal, meu irmão Renato Afonso Vinhal, minha cunhada Dilma e meu padrinho Adalberto; sem a força e o estímulo de vocês eu jamais conseguiria.

À minha mamãe Leônia Afonso Ribeiro Vinhal (*in memorian*) para que meu irmão Renato e eu pudéssemos estudar: sua lição de amor à vida e às pessoas foi a minha inspiração para prosseguir na luta por uma sociedade crítica, justa e solidária.

À minha tia Luzdalva, tia Lu, pelo carinho e dedicação, que foram imprescindíveis para continuar a minha jornada de pesquisadora: o meu obrigada pela dedicação ao me substituir, amparando e cuidando do meu bem mais precisos – meu filho Germano.

À tia Neiva Afonso (*in memorian*) pelo seu amor, força e superação, que me ensinou que mesmo quando nos deparamos com os piores abismos, a fé incondicional em Deus e no amanhã são essenciais.

À Senhora Wanda Wagner e Senhor Bittencourt Souza, meus sogros, meu obrigada pelas palavras de incentivo no decorrer da pesquisa.

À minha cunhada Alcione Wagner, minha grande amiga e incentivadora dos meus projetos profissionais e acadêmicos.

À amiga Ana Rita, pela força, amor e dedicação no período que mais enfrentei dificuldades ao descobrir na maternidade a razão de nossa existência.

À minha grande amiga, Cristina Bracarense, sublime professora e crítica da realidade, o meu obrigada pela força e estímulo.

A todos os meus alunos, que são a minha fonte inspiradora de saber.

Agradeço a Deus pelo estímulo constante, que iluminou toda a minha trajetória de pesquisadora, transformando cada obstáculo em conquistas.

É surpreendente ver como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema histórico político: ou o espaço era remetido à natureza, à Geografia Física, ou era concebido como local de residência ou de expansão de um povo [...]. O que importava eram os substratos ou as fronteiras. Seria preciso fazer uma história dos espaços, que estudasse desde as grandes estratégias da Geopolítica até as pequenas táticas do habitat.

FOUCAULT

RESUMO

A presente dissertação de mestrado analisa o papel das elites no desenvolvimento político e econômico do município de Uberaba, bem como os reflexos na produção do espaço geográfico, no período que se estende de 1910 a 1960. A partir de uma abordagem teórico-metodológica da Geografia histórica, procuramos compreender as relações de produção econômica, social, política e cultural na cidade mencionada, construindo uma análise das elites em sua diversidade, e do poder destes grupos em diferentes dimensões. O conhecimento da historicidade de determinados grupos sociais ajuda a explicar as transformações geográficas ocorridas em seu espaço, e impede a construção de modelos que não condizem com a realidade. Nesta perspectiva, é imprescindível compreender a (re)construção do poder hegemônico destas elites, como também seus valores e estratégias. No desenrolar da pesquisa, constatamos que o político, enquanto instrumento de manutenção do poder nas relações econômicas, elaborou – em Uberaba (1910-1960) – teias sociais que formaram uma sociedade resistente ao processo de desenvolvimento capitalista.

Palavras-chave: Geografia Histórica – Geografia Política – Elites – Poder – Uberaba (MG).

ABSTRACT

The present Master dissertation analyzes the elites paper in the economic and political development of Uberaba city and the consequences in the production of the geographic space. This research occupy the period that extends of 1910 to 1960. We work with boarding theoretician and methodological of historical Geography and we seek to understand the relations of economic, social, cultural and politics production in Uberaba, constructing an analysis of the elites in their diversity and analyzing the power of these groups in different dimensions. The knowledge of the historic aspects of some social groups helps to explain the geographic transformations occurred in that space, and hinders the construction of models that do not correspond with the reality. In this perspective, we think that is essential to understand the (re)construction of the hegemonic power of these elites, as well as their values and strategies. In this research, in Uberaba (1910-1960), while maintenance instrument of the power in the economic relations, we evidenced that the political elaborated social nets that had formed a resistant society to the process of capitalist development.

Key Word: Historical Geography - Geography Politics - Elites – Power – Uberaba (MG).

LISTA DE FIGURAS

01 – Brasão do Município de Uberaba (MG) – 1928	30
02 – Rua São Sebastião, na área centra de Uberaba	32
03 – Rua do Comércio – cheia de lama e poças de água	33
04 – Ladeira do Rosário – central – excelente pasto para cabritos ...	35
05 – Rua Vigário Silva – localização central do município de Uberaba – no governo do coronel Manoel Terra	37
06 – Rua da Constituição – localização central no município de Uberaba	43
07 – Rua Major Eustáquio – localização central de Uberaba	46
08 – Rua Paschoal Totti, com buracos e imundice	46
09 – Rua 24 de Fevereiro – localização central de Uberaba – somente mato e buracos	47
10 – Inauguração em 1939 do Monumento à introdução do zebu	103
11 – Senhor José Caetano e sua esposa Cherubina Machado Borges	103
12 – Fazenda Laranjeiras que pertenceu a Rodolfo Machado Borges, um dos pioneiros da seleção de Gir e Nelore no	

município de Uberaba	104
13 - Mapa mundi com o roteiro das viagens de Teófilo de Godoy e de João Martins Borges	105
14 – Vacada guzerá, importada da Índia no ano de 1920	109
15 – Armazém da Fazenda Ponte Alta	112
16 – No alto: Príncipe, magnífico reprodutor Gujera, de 06 ano de idade. Teve uma prole esplêndida, vendida anualmente por preços elevados	114
17 - Balancetes da produção pecuária do Coronel Alceu de Miranda	115
18 - Balancetes da produção pecuária do Coronel Alceu de Miranda	115
19 – Selo comemorativo à entrada do zebu no Brasil	126
20 – Residência de José Caetano Borges, um dos pioneiros do zebu	127
21 – Residência de Arthur de Castro Cunha, situada à Praça Rui Barbosa também construída em estilo eclético	128
22 – Residência de Elieser Mendes dos Santos, um dos pioneiros na introdução do zebu	129
23 – Fazenda Santa Gertrudes que pertenceu ao Cel. João Quintino Teixeira, um dos introdutores do zebu em Uberaba	132

- 24 – Fazenda (Chácara) do Mirante que pertenceu a Delfino Gomes da
Silva um dos introdutores do zebu no município de Uberaba .. 132
- 25 – Fazenda da Glória que pertenceu a Alceu de Miranda 133
- 26 – Fazenda Gengibre que pertenceu a Guiomar Rodrigues
Cunha 133

LISTA DE QUADROS

01 – Receita e despesa da Prefeitura Municipal de Uberaba (1837-1859)	65
02 – Estatística sobre o comércio no Triângulo Mineiro (1904 – 1905)	91
03 – Ascensão da atividade pastoril nos primeiros anos do século XX	92
04 – Principais transações comerciais – compra e venda do gado zebu nas décadas de 1930 e 1940	125

LISTA DE MAPAS

01 – Rota Salineira, conhecida como “Caminho de Goiás”	57
02 – Rota salineira do Rio de Janeiro a Mato Grosso	58
03 – A nova rota salineira	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 - GEOGRAFIA HISTÓRICA: algumas considerações	
Metodológicas	07
1.1 – A contribuição da história oral para a Geografia	14
CAPÍTULO 2 – AS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS NO MUNICÍPIO DE UBERABA NO PERÍODO DE 1870 A 1910	
2.1 - O município de Uberaba: situação geográfica “privilegiada” ou geopolítica do território?	54
2.2 – O início do declínio comercial de Uberaba (1860)	70
2.3 – O desenvolvimento comercial de Uberaba (1860 a 1910)	72
2.4 – A concepção de hegemonia de uma elite dominante	77
2.5 – A força política uberabense ou... uma elite situacionista?	85
CAPÍTULO 03 – A CONSOLIDAÇÃO DE UMA NOVA ELITE UBERABENSE E SUA ATUAÇÃO NO CENÁRIO POLÍTICO E ECONÔMICO (1910-1960)	
3.1 – O agravamento da crise econômica (e política) de Uberaba	98
3.2 – A mudança da atividade econômica no município de Uberaba.	100
3.2.1 – A introdução do Zebu no Triângulo Mineiro, via Uberaba	101

3.3 – O gado zebu provoca polêmica entre Minas Gerais e São Paulo: a campanha contra o zebu	109
3.4 – O fortalecimento dos criadores do gado zebu: a “união dos fazendeiros” e a criação do Herd Book Zebu (HBZ)	119
3.5 – O apogeu da comercialização do gado zebu (1935 a 1945)	129
3.6 – A Revolução Urbanística promovida pela fase “áurea” do zebu no município de Uberaba	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	139
FONTES: JORNAIS, DOCUMENTOS OFICIAIS E MEMORALISTAS .	148
ANEXO 1	149
ANEXO 2	150
OUTROS ANEXOS	151

INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe compreender a temática das elites no município de Uberaba (Minas Gerais), no período entre 1910 e 1960, e sua influência no desenvolvimento político-econômico desta cidade. Tal análise, considerada sem importância nos trabalhos acadêmicos e leigos apresentados anteriormente sobre este tema, surgiram de duas inquietações que me acompanham desde a infância.

A primeira delas refere-se ao fato de que quando eu viajava do interior de Goiás para o município de Uberaba, ouvia com frequência os comentários de meus familiares, ao passarmos por Uberlândia: “Estamos chegando na famosa Uberabinha”. Sendo assim, eu ficava sempre me perguntando sobre o motivo pelo qual Uberlândia era chamada de Uberabinha, se Uberaba era menor que Uberlândia. Essa contradição na escala geográfica de ambas as cidades me intrigava.

Outra inquietação envolvia meus avós maternos. Meu avô Aristoclides Afonso, na década de 1950, era um grande fazendeiro e criador de zebu; possuía uma extensa fazenda e fazia da criação de gado zebu a sua linha de produção. Numa certa manhã, contava a minha mãe, um sobrinho solicitou ao meu avô o seu aval no Banco do Brasil, pois ele estava comprando várias reses (zebu). Meu avô concedeu e avalizou o negócio, pois naquele período a comercialização

do gado zebu era de grande rentabilidade. Porém, após concretizarem a negociação, imediatamente o zebu sofreu desvalorização no mercado e o sobrinho de meu avô (Leônidas Afonso) faliu literalmente. No momento de desespero, suicidou-se, deixando todas as dívidas no Banco do Brasil para meu avô Aristoclides Afonso honrar, que as pagou, dispondo, para isso, de todos os seus bens a ponto de toda a família ter que mudar do município de Uberaba para a fazenda de um amigo, vivendo ali de favor por um longo período.

Estes dois acontecimentos, reportados acima, motivaram minha trajetória de pesquisadora na academia, como geógrafa. Inicialmente, procurei entender os motivos pelos quais o município de Uberlândia, com o dobro de habitantes do município de Uberaba, era chamado por um diminutivo do nome “Uberaba”. Quais os motivos que levaram Uberlândia a superar essa posição, digamos, hierárquica, em relação à produção do espaço geográfico uberabense? Como Uberaba se posicionou nesse processo? Quais os elementos constituintes deste processo? Quais fatores contribuíram para que o município de Uberaba – considerado no início do século XX o principal entreposto comercial (a Boca do Sertão), o elo de ligação comercial do Triângulo Mineiro com outros espaços do território nacional, como São Paulo, Goiás e Mato Grosso – perdesse sua hegemonia no processo de produção capitalista?

A criação do gado zebu foi a alternativa econômica ao marasmo no qual se encontrou o município de Uberaba após sua falência. Nesse contexto, qual a relação estabelecida entre este novo

meio de produção e as elites uberabenses? Tornou-se imprescindível questionarmos a atuação dos criadores no contexto político, como os mesmos estabeleciam suas redes de pessoalidade que, concomitantemente, repercutiam no âmbito político e econômico em diferentes escalas.

A presente pesquisa, portanto, foi elaborada em função destas questões. Dessa maneira, organizamos o trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo analisa a importância da geografia histórica para compreendermos as relações que envolvem os sujeitos sociais na sua diversidade. A questão histórica torna-se imprescindível para percebermos a cultura com um sistema rico de significados e valores intrínsecos, que, conseqüentemente, permite uma melhor análise dos diferentes modos de vida de uma sociedade e, ainda, as relações de poder nela estabelecidas.

Nesta perspectiva, a contribuição da História Oral foi determinante na elaboração da presente dissertação. O diálogo entre a História e Geografia é pertinente, pois ambas disciplinas fornecem subsídios para compreendermos a dinâmica do poder em toda a sua diversidade.

É importante ressaltarmos que, ao utilizarmos a História Oral, consideramos que as narrativas vêm carregadas de significados que precisam ser interpretados, para promoverem um debate no sentido de avançarmos na elaboração de novos questionamentos teórico-metodológicos.

No decorrer do primeiro capítulo, **Geografia Histórica: algumas considerações metodológicas**, estabelecemos um diálogo com os memorialistas do tema em Uberaba, para avançarmos no debate, ou seja, a análise política e econômica da realidade uberabense, pois devíamos ultrapassar os limites da factualidade. Nesta perspectiva, o diálogo foi pertinente, nos propiciando um melhor entendimento da postura não crítica dos memorialistas.

No segundo capítulo, **As transformações sócio-econômicas no município de Uberaba no período de 1870 a 1910**, discutimos, inicialmente, a situação geográfica do município de Uberaba, que tem uma localização privilegiada, dispendo de terras férteis e água em abundância, fatores decisivos para o início do processo de ocupação da região. Porém, aprofundamos esta discussão ao afirmamos que a situação geográfica privilegiada do município de Uberaba não se deve somente às “terras férteis” e às “boas pastagens”. No contexto da produção capitalista da época, Uberaba localizava-se no caminho das grandes rotas salineiras, e se apresentou como uma rota alternativa, além de viável e rendosa, para abastecer as regiões interioranas de Goiás e Mato Grosso. Outro fator determinante, presente neste capítulo, foi a constatação de que as elites, quanto à origem das mesmas, não estavam somente ligadas à criação de gado, mas igualmente ao comércio. No período que antecede a 1910, já existia uma elite (nos termos que defendemos na dissertação), o que tornou necessária uma análise do desenvolvimento comercial do município de Uberaba entre 1860 e 1910. Neste contexto, analisamos a força política

uberabense por meio da atuação de uma elite política situacionista, que reconstrói suas ações na produção do espaço geográfico como forma de manter sua hegemonia política e econômica.

O terceiro capítulo, **A consolidação de uma nova elite uberabense e sua atuação no cenário político e econômico (1910-1960)**, enfatiza a consolidação de uma nova elite uberabense e sua atuação no cenário político e econômico no período de 1910 a 1960. A produção capitalista do espaço geográfico uberabense revigorou-se com a chegada da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Por outro lado, no sistema capitalista, a dinâmica do lucro fez com que os trilhos não ficassem apenas no município de Uberaba, prolongando-se até o município de Araguari. Neste contexto, constatamos uma retratação na atividade comercial de Uberaba. Diante desta crise no comércio, os latifundiários organizam-se e criaram o Club Lavoura e Comercio que, mais tarde, originaria o Partido da Lavoura, cujo objetivo central era defender os interesses dos grandes proprietários de terra. Neste capítulo, analisamos a mudança da atividade econômica no município de Uberaba, com a introdução do gado zebu que, concomitantemente, refletiu-se no fortalecimento de uma elite agrária que, por sua vez, repercutiu no espaço político e econômico, re-elaborando os valores e significados dessa classe social.

É imprescindível salientarmos, aos leitores desta dissertação, que o conteúdo que se segue está fundamentado em uma análise crítica da realidade sócio-econômica e política (em outras palavras, histórico-geográfica), que constitui uma perspectiva das relações de

poder que envolvem as redes de pessoalidade, o simbólico e toda a sociedade uberabense.

CAPÍTULO 1

GEOGRAFIA HISTÓRICA: algumas considerações metodológicas

Um dos pontos centrais da problemática dessa pesquisa foi o cuidado de não realizarmos um trabalho propriamente histórico, dado que nos situamos no campo da Geografia. Procura-se, sobretudo, geografizar as discussões, de maneira interdisciplinar com a História. Vários trabalhos já foram realizados em nível de mestrado e doutorado, no Brasil, nos quais a Geografia e a História caminham juntas no processo da construção do conhecimento. Como exemplo, podemos citar os trabalhos de Lourenço (2002), Brandão (1998), Dias (2001) e Bilac (2001), nos quais há uma verdadeira cumplicidade entre estes dois campos do saber científico. Neles, discutem-se as relações espaço/homem e poder, bem como a pertinência de se analisar a historicidade nos contextos geográficos.

Muitos geógrafos e historiadores acreditam que suas respectivas disciplinas trabalham com objetos e metodologias distintos. No entanto, vários outros autores ressaltam a pertinência de se trabalhar de maneira interdisciplinar ambas as ciências, sublinhando a importância da construção de novos questionamentos frente à produção do conhecimento. Dentre estes, citamos um dos nomes mais relevantes da Geografia Cultural, o estadunidense Carl Sauer (1889-1975), cujos trabalhos foram imprescindíveis para liberar a Geografia

estadunidense¹ do Determinismo Ambiental e construir estreitas ligações com a História e a Antropologia (CORREA, 2001).

Dentre os métodos utilizados por Sauer, os atribuídos à Antropologia são os seus preferidos. Conceitos como os de difusão cultural e de área cultural estão presentes nos trabalhos sauerianos. Em relação ao método, Sauer afirma:

Um lema do tipo “a Geografia é a história do presente” carece de significados. Introduce-se, portanto, necessariamente, um método adicional, o especificamente histórico, com o qual se utilizam os dados históricos disponíveis, via de regra, diretamente no campo, para a reconstrução das condições anteriores de povoamento, do uso do solo e de comunicação, quer se trate de testemunhos escritos como de testemunhos arqueológicos ou filológicos (SAUER, 2003, p. 24).

A questão da historicidade é de extrema importância na concepção de método de Sauer, pois este geógrafo constata que todo grupo ou sociedade humana precisa conhecer a sua gênese, ou seja, a história de seu desenvolvimento, para compreender determinadas escolhas realizadas pelo grupo (LOURENÇO, 2002).

Sendo assim, a Geografia cairia na mediocridade se se preocupasse somente com questões relacionadas à ocupação do espaço, sem correlacioná-la à historicidade do grupo. Portanto, o conhecimento de uma Geografia Histórica e, conseqüentemente, da historicidade de determinadas comunidades, ajuda a explicar as

¹ É importante ressaltar que a Geografia estadunidense originou-se ligada às ciências naturais, em especial à Geologia. Este período remonta ao início do século XIX, quando a Geologia era considerada de grande importância devido ao papel que desempenhava no levantamento dos recursos do subsolo nacional.

transformações geográficas ocorridas, o que questiona a construção de modelos que não condizem com a verdadeira realidade dos diferentes grupos.

Rogério Haesbaert, no livro *Territórios Alternativos*, enfatiza a importância de um diálogo interdisciplinar entre a História e a Geografia para uma análise mais coesa da realidade:

Não é de hoje que Geografia e História colocam questões comuns, sendo imprescindível estimular o diálogo e a interdisciplinaridade. Ainda que a Filosofia e outras áreas das ciências sociais de longa data advirtam para a indissociabilidade entre espaço e tempo, nossas áreas não raro se divorciaram, inclausurando-se em redutos individuais, o que pouco contribui para nossas respectivas leituras da realidade (HAESBAERT, 2002, p. 101).

Nesse contexto, ressaltamos as contribuições de Wagner e Mikessel (2003) e Williams (1979), no que se diz respeito às noções de cultura, área cultural, paisagem cultural e história da cultura.

Na presente dissertação, a análise e o entendimento dos temas supracitados são fundamentais para entendermos a atuação das elites no contexto político e econômico de Uberaba, ou seja, a problemática deixou de ser apenas econômica e passou para o campo das relações culturais que norteiam o processo de reconstrução diário da hegemonia mantida por um grupo que possui interesses comuns em um determinado espaço de atuação: o município de Uberaba.

Conforme afirma Williams (1979, p. 7):

No centro mesmo de uma importante área do pensamento e da prática modernos, que ele habitualmente descreve, há um conceito, “cultura”, que em si mesmo, através da variação e complicação, incorpora não só as questões, mas também as contradições através das quais desenvolveu. Esse conceito funde e confunde as experiências e tendências radicalmente diferentes de sua formação. É impossível, portanto, realizar uma análise cultural séria sem chegarmos a uma consciência do próprio conceito: uma consciência que deve ser histórica.

Nesta concepção, a questão histórica torna-se imprescindível para analisarmos a cultura como um sistema de significados e valores que, concomitantemente, estabelece uma análise dos modos de vida de uma sociedade; por conseguinte, compreendem-se as relações de hegemonia estabelecidas para a manutenção do poder.

A cultura, conforme Williams (1979), denota o modo de vida e, quando analisada na perspectiva de um desenvolvimento histórico, promove uma forte pressão nos demais conceitos. As redes de personalidade² e a importância do simbólico são fundamentais para a análise, neste sentido.

Neste primeiro momento, não detalharemos o processo de funcionamento das redes de personalidade e o uso do simbólico na construção das relações de poder no município de Uberaba, mas faremos esta discussão nos próximos capítulos.

² Na análise de documentos e no trabalho de campo da presente pesquisa, constatamos, no município de Uberaba, a importância que as pessoas dão a conhecer quem realmente interessa, ou seja, a existência das redes de personalidade faz parte do cotidiano uberabense. Silva (2002, p. 28) constatou o mesmo em relação à cidade de Guarapuava (PR): há um grupo coeso, com forte identidade local, que concentra prestígio social, poder econômico e mantém redes de relações pessoais altamente restritivas e, de alguma forma, viabiliza a manutenção de sua posição social e econômica por meio de suas redes de personalidade.

Inicialmente, pretendemos entender que não basta apenas analisarmos a atuação das classes sociais distintas no espaço e as mudanças decorrentes das mesmas no município de Uberaba.

Torna-se, assim, necessária não somente a análise do contexto geográfico, mas também a análise histórica do processo de ocupação sócio-espacial. Pretendemos, mais uma vez reafirmarmos, demonstrar a importância do conhecimento da cultura e da historicidade em todas as etapas de nossa pesquisa.

Estes elementos conflituosos são analisados, por Thompson (1998), como a relação existente entre os sujeitos sociais, haja vista a cultura como recurso imprescindível para entendermos os processos de dominação que permeiam os espaços. Conforme Thompson (1998, p. 17) afirma em relação à cultura:

Mas cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua inovação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.

Esse autor ressalta a importância da cultura como uma forma de se relacionar o escrito e o oral, ou seja, a análise dos “viveres e saberes” que constituem nosso objeto de estudo. Na análise que empreendemos, está clara a existência do dominante e do subordinado,

em uma reconstrução constante do poder hegemônico pré-estabelecido, o que caracteriza um espaço de histórias e constantes conflitos no município de Uberaba.

Analisar a atuação das elites uberabenses nos cenários político e econômico requer bem mais que uma pesquisa cujo foco principal seja a análise das conseqüências do poder exercido pelas mesmas. Precisamos elaborar questionamentos que evidenciem a atuação das elites na sociedade, visto que as mesmas não existem sozinhas. É preciso, no primeiro momento, identificar que elite é essa, buscar compreendê-la na sua diversidade interna e nas relações que constrói com outros segmentos sociais. Nessa perspectiva, torna-se imprescindível compreendermos a historicidade dos próprios sujeitos sociais nesse/desse espaço geográfico.

Os instrumentos teóricos precisam seguir não somente uma análise geográfica, visto que, sem o embasamento teórico e prático do histórico, não teríamos compreendido a gênese do nosso objeto de estudo.

O entendimento da historicidade dos diversos sujeitos sociais está presente na metodologia de Sauer, conforme referimos de início, na qual todo grupo humano estabelece sua realidade de vida, conforme a maneira mais condizente.

Portanto, a compreensão das razões que levaram certos grupos sociais a determinadas ações apenas torna-se possível a partir do momento em que entendemos sua história, isto é, as técnicas e os instrumentos, bem como as ações, utilizados por este grupo e,

concomitantemente, os significados ali apresentados e como são representados.

A aplicação desta metodologia, segundo Lourenço (2002, p. 22), perfaz uma tarefa do geógrafo historiador, a de reconstruir paisagens passadas, tarefa para a qual evidencia três etapas importantes:

- Conhecimento do funcionamento da cultura na sua totalidade;
- Conhecimento das evidências contemporâneas à cultura em questão.
- Conhecimento do terreno, isto é, do meio físico que a cultura ocupou.

Este autor descreve os caminhos que o geógrafo histórico deve trilhar para realizar uma análise centrada na cultura/meio ambiente/sujeitos sociais. Por outro lado, o presente trabalho aborda não somente a relação cultura/meio ambiente e sujeitos sociais, como refaz uma leitura política e econômica da atuação das elites no município de Uberaba.

Esta relação espaço/política perfaz uma análise de não neutralidade dos sujeitos sociais que interagem e produzem um campo de ação entre diferentes interesses, conforme afirma Lacoste (1973, p. 234):

Mas devemos também levar em consideração que o espaço não é nem neutro nem inocente; ele é um dos campos de ação por excelência das forças políticas: o Estado também é uma entidade

geográfica e o aparelho de Estado organiza o espaço geográfico de modo a exercer seu poder sobre os homens.

Conforme afirmamos anteriormente, esta análise iniciará pela compreensão das elites na sua diversidade, bem como na importância destes sujeitos sociais nas alterações promovidas no espaço geográfico em questão e os possíveis reflexos nos cenários político e econômico do referido espaço.

1.1 – A contribuição da história oral para a Geografia

A prática das narrativas ocupa grande importância no processo de elaboração de uma pesquisa acadêmica como a nossa. A história oral, a esse propósito, se consolidou como prática e movimento de 1960 a 1970, com um debate cujo enfoque central é a relação entre memória e história.

Este debate, segundo Thomson (1998), deixa claro as restrições existentes entre os historiadores praticantes da história oral e os historiadores documentaristas tradicionais, os quais afirmavam que a memória não poderia ser uma fonte histórica confiável.

Os historiadores documentaristas aumentavam o tom de críticas à história oral no instante em que apresentam o fato de a memória sofrer distorções em decorrência da velhice ou por existir

algum tipo de alteração por parte de preconceitos entre o entrevistador e o entrevistado.

Por outro lado, os historiadores criaram novos métodos de análise, como demonstra Thomson (1998, p. 69):

Nos últimos anos alguns historiadores orais criaram métodos de análise e de entrevistar que se fundamentam num entendimento mais complexo da memória e da identidade, e que sugerem meios novos e estimulantes para tirar o maior proveito das memórias para fins de pesquisa histórica e sociológica. Procuramos explorar as relações entre reminiscências individuais e coletivas, entre a memória e identidade, ou entre entrevistador e entrevistado. De fato, freqüentemente estamos tão interessados na natureza e nos processos de rememoração quanto no conteúdo das memórias que registramos.

No presente trabalho, a análise das narrativas é imprescindível para compreendermos a dinâmica do papel das elites no município de Uberaba.

Não é objetivo deste trabalho identificar as elites e simplesmente apontar as conseqüências de sua atuação no contexto político e econômico para o município, pois consideramos que as narrativas vêm carregadas de significados que precisam ser interpretados, visto que, ao entrevistarmos os sujeitos, partimos do pressuposto de que os entrevistados identificam as elites em suas próprias perspectivas. Outro ponto importante que devemos acrescentar, quanto à contribuição da história oral para o presente trabalho, é a capacidade de questionarmos a atuação dos sujeitos sociais que fazem parte do contexto político e econômico.

Os trabalhos dos escritores regionais não acadêmicos foram de extrema importância para conhecermos o espaço geográfico da época, bem como os testemunhos dos sujeitos sociais que faziam parte desta realidade.

Conforme afirma Lourenço (2002, p. 24):

Os trabalhos dos historiadores regionais, não acadêmicos, são inestimáveis, pois não só coligem fontes às quais nunca teremos acesso, como soa também o testemunho de personagens da época e da região que iremos estudar. Assim em nosso estudo, trabalhamos com Antonio Borges Sampaio [...], Hildebrando Pontes [...], Pedro Pezzuti [...], Tito Teixeira [...], Edelweiss Teixeira [...], Pedro dos Reis Coutinho [...], e Jorge Alberto Nabut [...], foram fundamentais dentro outros motivos pela riqueza fatural que apresentam. A leitura e o cotejo da contribuição desses historiadores, cada qual relativa à sua cidade de origem, permitiu-nos visualizar o desenvolvimento histórico e espacial de toda a região.

Discordamos do autor em alguns aspectos. Dos autores citados por ele, lemos obras de Antonio Borges Sampaio (2001), Hildebrando Pontes (1978) e José Alberto Nabut (1986), e concluímos, sem dúvida alguma, que há riqueza factual presente nessas obras, porém não encontramos uma postura crítica nesses autores.

Estas obras retratam fatos do período em que o município de Uberaba surgiu no cenário nacional como importante entreposto comercial, em destaque já no ano de 1889, com a chegada da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, aumentando as relações comerciais do município; em seguida houve o prolongamento da ferrovia até Uberabinha (Uberlândia), em 1895, e Araguari, em 1896,

ocasionando o declínio do comércio em Uberaba e, conseqüentemente, a cidade deixou de ser o entreposto comercial da região³ (REZENDE, 1983).

Este período da história de Uberaba foi de grandes transformações no âmbito econômico, que atingiram de forma direta a vida de todos que residiam na cidade, ou seja, tais acontecimentos eram passíveis de análise não somente pela sociedade, mas por parte dos escritores que retratavam o cotidiano do município. Estas observações não foram encontradas nas obras acima citadas, pois as mesmas apenas apresentam fatos ocorridos, omitindo uma análise do discurso político que as engendrou, o que seria uma forma de questionar a conjuntura política e econômica do município em seus acontecimentos.

Por conseguinte, a interpretação das narrativas torna-se indissociável do presente trabalho, visto que as mesmas contêm significados que precisam ser compreendidos e re-elaborados para a realização de uma releitura que permita uma análise política e que ultrapasse a factualidade.

Outro acontecimento importante que ocorreu no município de Uberaba, no ano de 1911, foi a canalização do comércio entre os Estado de Mato Grosso e São Paulo. Tal fato acarretou complicações para a economia do município, pois diminuiu de forma drástica o comércio de Uberaba. Ao analisarmos Pontes (1978), não encontramos

³ Este período, que abrange a importância do comércio para ascensão comercial do município de Uberaba e as conseqüências com a chegada da Cia de Estradas de Ferro Mogiana, será melhor detalhado no próximo capítulo.

uma análise crítica deste acontecimento; ao contrário, o mesmo se posiciona de forma clara: não questiona tais acontecimentos.

Podemos constatar esta postura não crítica do autor ao lermos sua análise da situação do município de Uberaba no ano de 1911, na qual Pontes (1978, p. 97) afirma que:

A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1911, penetrando o Estado do Mato Grosso, canalizou de São Paulo, para lá, inteiramente o comércio que, antes, fazia com Uberaba, e esta cidade, dentro em pouco, limitou as suas transações a si própria, pois a parte oeste do Triângulo passou a se relacionar com as praças de Barretos e Bebedouro, então ponto terminal da Estrada de Ferro Paulista, pelo porto “João Gonçalves” modernamente “Antonio Prado”; a parte norte, Uberabinha (hoje Uberlândia), ligou-se, por estradas de rodagem, ao sudoeste goiano, e de Araguari, ponto inicial da Estrada de Ferro de Goiás, e canalizou tudo para o sul do Estado daquele nome.

O autor descreve o processo do desvio da rota comercial que até então passava por Uberaba e, a partir desta ligação direta entre São Paulo e Mato Grosso, pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, evidencia-se o declínio do comércio na cidade de Uberaba, haja vista a mesma passar a estabelecer relações comerciais apenas nos seus limites territoriais.

O município de Uberaba passou por dois momentos críticos⁴ na sua história em relação à atividade comercial, o que incidiu

⁴ Estes dois momentos críticos na atividade comercial predominante serão analisados com detalhes nos próximos capítulos, visto que estamos nos referindo a eles, neste momento, apenas para analisarmos a posição dos autores da época em relação à questão política e econômica do município de Uberaba.

diretamente na posição de destaque que ocupara, como entreposto comercial na região.

Diante desses acontecimentos, de grande relevância para o cenário político, econômico e social do município de Uberaba, não encontramos questionamentos passíveis de análise crítica da situação que destituiu Uberaba da posição de destaque na região.

O conservadorismo de alguns autores torna-se evidente nos seus discursos, quando sustentam que Uberaba na verdade se “libertou” de algumas praças, conforme podemos observar nas afirmações de Pontes (1978, p. 97):

Uberaba, insulando-se, libertou-se, afinal, da dependência daquelas praças e se entregou, animadamente, à agricultura e à indústria pastoril, as quais colocam este município em lugar de mercado destaque no Brasil Central.

Ao lermos esta afirmação, torna-se notória, mais uma vez, a essência que norteia nosso trabalho: uma releitura dos processos econômicos e políticos do município de Uberaba, considerando-se as transformações causadas pelos agentes sociais e as relações de poder que circundam o processo de transformação do espaço, bem como suas especificidades.

A contradição de autores como Pontes (1978) é evidente no instante em que consultamos os jornais locais, como a *Gazeta de Uberaba* (1895-1911), *Lavoura e Comércio* (1903-1910) e o *Correio Católico* (1901). As respectivas datas dos jornais acima foram criteriosamente escolhidas para evidenciarem o início e término do

processo de decadência das atividades comerciais no município de Uberaba, considerando-se o fim da posição de destaque econômico como entreposto comercial na região. Os Jornais deste período constataam um grande retrocesso no movimento das casas comerciais⁵. O jornal *A Gazeta de Uberaba*, no ano de 1892, por meio de seu editorial, publicou duas reportagens, chamando a atenção dos uberabenses em relação ao prolongamento dos trilhos da Estrada de Ferro Mogiana até Uberlândia⁶.

Outros jornais da época também chamam a atenção para os pontos negativos que ocorreram e que ainda poderiam afetar mais profundamente a situação econômica do município de Uberaba, simultaneamente enfatizando a urgência de se investir na abertura de novas indústrias, ou correr-se-ia o risco de sofrer um grande retrocesso⁷.

⁵ Várias casas comerciais pediram concordata, entre elas a firma Lames Bernardes (1903) – (Jornal Lavoura e Comércio, n. 377 – 12/02/1903, p. 2)

⁶ “A prosperidade aduzida pelo comércio à [sic] localidades de trânsito não se pode negar é ephêmera, apenas se desenvolve e se mantém enquanto maior facilidade e maior distância não oferecem ao produtor outra localidade mais próxima ao consumidor. Disto temos evidentes provas em cidades que foram algum tempo ponto terminal de estrada de ferro e que depois desta prolongar-se ficaram em piores circunstâncias do que aquelas em que se achavam primitivamente. Este fenômeno tem sido observado em todas as cidades por onde tem passado a linha de Estrada de Ferro Mojiana. Quem viu Moji – Mirim, no tempo em que aquela cidade era o ponto terminal da estrada de ferro, o comércio atívisimo e principalmente de tropeiros e depois que a estrada continuou para Casa Branca, o desaparecimento quase completo do comércio, não acreditaria que ela jamais se levantasse do abatimento que a deixou. As estradas de ferro trazem para todos os lugares por onde passam, aumento das riquezas e desenvolvimento, das existentes e além disso, uma população que na linguagem popular e chamada de volante que sempre acompanha a estrada de modo que quando esta prossegue há como que uma solução de continuidade na vida comercial, no progresso desse lugar” (Gazeta de Uberaba, n. 874 e 1008, p. 01).

⁷ O *Correio Católico*, em 08/09/1901, anunciou: “O comércio da praça uberabense tão florescente outra, tem diminuído sensivelmente, e assim continuará, se não desenvolvermos indústrias”. E disse o Jornal Lavoura e Comércio – 11/07/1905: “É fato observado por todos, verdade de todos, infelizmente reconhecida que de 05 anos a esta parte, a nossa bela Uberaba, retrógrada a olhos vistos, caminhando com incrível velocidade para aniquilamento fatal, se medidas eficazes não vieram embaraçar este desfecho para e qual o governo do Estado, não pouco tem contribuído” – Gazeta de Uberaba, n. 3059 – 16/10/1907: “Não descuidemos. É bem seria a crise porque passa atualmente a nossa cidade, crise que vem acentuando de longa data e que chegará a tocar o seu auge se persistirmos neste indiferentismo e não mudarmos de rotina”.

A contradição, por conseguinte, é evidenciada ao confrontarmos alguns autores, a exemplo de Pontes (1978), com a realidade descrita pelos jornais da época.

É fundamental ressaltar e reconhecer a importância de Pontes (1978) no que se diz respeito à descrição de fatos ocorridos na época em análise, e também o contato com os agentes sociais deste período, fato que talvez seria impossível sem a colaboração do autor.

Outro autor que também nos chamou a atenção, mediante seu “conservadorismo”, presente em suas obras, foi Antônio Borges Sampaio. Dentre suas obras, destacamos *Uberaba: história, fatos e homens* (2001), na qual encontramos textos referentes às nomenclaturas das ruas, travessas, becos, colinas, templos e edifícios públicos de Uberaba (1880); *Estradas Primeiras no Sertão da Farinha Podre* (1889); *Hospital da Misericórdia de Uberaba* (1902); *A música em Uberaba* (1902); *Sertão da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro* (1906).

Sampaio (2001) escreveu sua autobiografia, na qual enfatiza sua atuação na política, na justiça e na vida pública. Fazem parte também, de sua obra, as biografias de personalidades uberabenses de destaque, como o Cônego Hermógenes, o Padre Antônio José da Silva, o primeiro Vigário de Uberaba, o Padre Manuel Joaquim da Silva Guimarães, o Barão da Ponte Alta, o Capitão Joaquim Antônio Rosa, o Tenente-Coronel Francisco Rodrigues Barcelos, o Capitão João Batista Machado, o Comendador José Bento do Vale, o Major Joaquim José de Oliveira Pena, o Juiz de Direito Zeferino de Almeida Pinto, o Doutor

Tomás Pimentel de Ulhoa, a neta do inconfidente e Alferes Tiradentes – Carolina Augusta Cesarina – e, para finalizar, fez a biografia de sua esposa, a Senhora Maria Cassimira de Araújo Sampaio.

O autor atuou em vários segmentos da sociedade uberabense; pertenceu ainda a diversas entidades, como afirma Bilharinho (Jornal Uberaba, 2002, p. A6):

Sampaio pertenceu a inúmeras entidades locais (a exemplo do Clube Literário Uberabense e do Grêmio Literário Bernardo Guimarães, fundados respectivamente em 1880 e 1904), bem como de outras cidades (Institutos Históricos e Geográficos do Rio de Janeiro e São Paulo e do Arquivo Público de Minas Gerais, além de outros).

A participação de Antonio Borges Sampaio no cotidiano da sociedade uberabense deixa claro sua atuação nos cenários políticos, econômicos e sociais da cidade em questão e do seu entorno rural. A atuação de Borges Sampaio foi de grande importância para a elevação da vila Uberaba à condição de cidade, no ano de 1856, visto que, em 1855, com a ajuda do professor Manuel Garcia da Rosa Terra, realizaram voluntariamente um recenseamento urbano da vila, o qual foi acatado pela Câmara Municipal e serviu de fundamento para a Assembléia Legislativa Mineira promover a elevação de Uberaba, até então na condição de vila, à categoria de cidade (BILHARINHO, 2002).

Fizemos um esboço das obras e da participação de Antônio Borges Sampaio nos diversos segmentos sociais da cidade, sejam eles políticos, econômicos ou sociais, visto que constatamos sua

importância para nós, pesquisadores, que temos a oportunidade de acessar vários dos sujeitos sociais que fizeram a história do município de Uberaba.

Por outro lado, não podemos nos restringir apenas à análise de sua importância; é preciso seguir além das publicações de Antônio Borges Sampaio, questionando seu posicionamento, pois o autor deixou de agregar uma postura crítica às suas análises, tendo seus motivos para isso.

Ao lermos as biografias de personalidades uberabenses que escreveu, não constatamos, igualmente, uma análise crítica da atuação destes no contexto do município de Uberaba; nas demais obras, também não questionou a realidade do município no cenário regional.

Outro autor de grande importância para Uberaba é o Doutor José Mendonça⁸; do conjunto de sua obra podemos destacar *História de Uberaba*, utilizada em nossa análise.

Mendonça (1974) apresenta características que o diferenciam dos autores já analisados, embora ainda não seja o que consideramos como um autor realmente comprometido com o desenvolvimento do município de Uberaba.

⁸ José Mendonça (1904-1968), advogado, professor, jurista e jornalista com mais de 1500 artigos publicados, autor, entre outras obras, do clássico *A prova Civil* (1940) e de *Ação Nacional* (1937), que mereceu carta ao autor, artigo e citação encomiástica em conferências por parte de Monteiro Lobato, entre outros artigos elogiosos de Nelson Werneck Sodré do *Correio Paulistano* de 15/07/1937, Plínio Barreto, no jornal *Estado de São Paulo* de 03/07/1937, e Carlos Chiachio na *Folha da Tarde de Salvador/BA*, em 15/08/1937, tendo este afirmado que José Mendonça seria quem melhor estuda nossa realidade precária naquele momento (Guido Bilharinho, *Jornal de Uberaba* – 19/03/2005): Conexões Nacionais e internacionais de personalidades uberabenses.

No decorrer do seu livro *História de Uberaba*, constatamos o mesmo fato analisado por Pontes (1978), ou seja, a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil ou Estrada de Ferro Uberaba-Coxim, no ano de 1911. Contudo, ao contrário de Pontes (1978), que diz que Uberaba se libertou “daquelas praças” e se entregou à agricultura e à indústria pastoril, Mendonça (1974) assume uma postura mais crítica em relação ao cancelamento da construção da Estrada Ferro Noroeste do Brasil, que deveria ter sido construída a partir de Uberaba, com destino a Coxim no Mato Grosso⁹.

O cancelamento da construção da Estrada de Ferro no município de Uberaba foi motivado por questões políticas que perpetuavam as relações de poder predominantes, conforme afirma Mendonça (1974, p. 93):

Veio a Uberaba uma brilhante comissão de engenheiros, notando-se entre eles, os Doutores Paulo Sousa (chefe) e Pederneiras.

O Doutor Paulo Sousa trouxe uma carta de Bento Quirino ao Sr. Carlos Batista Machado, solicitando-lhe o seu apoio e seu auxílio par a comissão e, particularmente, para o portador.

Carlos Batista Machado forneceu-lhe um “Gueiro” que atendia por “Tonico Menagem”.

Houve um magnífico baile, no prédio onde está instalado, hoje, o colégio Diocesano.

O escritório dos engenheiros instalou-se na rua Santo Antonio.

Mas... a política fez-nos perder a estrada.

⁹ “Trata-se de um dos capítulos mais constringedores da história de Uberaba. A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, hoje uma das mais opulentas e eficientes vias férreas do Brasil, que faz a riqueza e o progresso do noroeste paulista, devia ser construída a partir de Uberaba ruma a Coxim, no Estado de Mato Grosso. Denominar-se-ia Estrada Ferro Uberaba – Coxim. Contou-se o meu ilustre e saudoso amigo Carlos Batista Machado, que por muitos anos, honrou o cargo de oficial de registro civil desta cidade, que chegaram a ser feitos estudos e a localização da estrada” (MENDONÇA, 1974, p. 92-93).

Rodrigues Alves, na presidência da República, comprometeu-se como o governo de Minas a eleger Afonso Pena para presidência, como seu sucessor, desde que a Estrada de Ferro para o Mato Grosso se construísse no Estado de São Paulo.

Houve a troca.

E a Noroeste é, hoje um das mais poderosas alavancas do admirável progresso de São Paulo.

A análise do autor evidencia a questão política como fator determinante na produção do espaço e, concomitantemente, interfere de forma negativa no desenvolvimento das atividades comerciais, predominantes na época.

O cancelamento da construção desta Estrada de Ferro gerou grandes infortúnios para os comerciantes uberabenses, visto que restringiu o mercado consumidor, ocasionando uma estagnação e, por conseguinte, uma forte crise.

Conforme afirma Rezende (1983), as perdas das “praças” que eram o sustentáculo do comércio uberabense, ocasionaram, além da crise comercial, a perda definitiva da hegemonia comercial de Uberaba, até então.

Em decorrência desses fatos, o município de Uberaba mudou suas atividades comerciais, transformando-se em um grande centro pecuarista pela criação de gado zebu¹⁰.

Todas estas transformações no cenário econômico, político e social são fatores determinantes no modo de produção do espaço, isto

¹⁰ O declínio da atividade comercial e a ascensão do gado zebu no município de Uberaba serão analisados detalhadamente nos próximos capítulos da pesquisa, haja vista a discussão empreendida por esta pesquisa quando à presença do zebu no cenário político e econômico, bem como as conseqüências deste cenário para a sociedade uberabense que participou deste processo.

é, fazem-se necessárias à discussão e a análise crítica em todo o processo geográfico.

É esta discussão crítica que muitos autores uberabenses não conseguiram transpor para suas obras. É importante ressaltarmos que Mendonça (1974) iniciou a discussão ao afirmar a questão política como fator decisivo nas grandes decisões no município de Uberaba. Porém, não aprofundou o debate e o questionamento para uma análise coesa e que realmente forneça subsídios para entendermos as relações de poder que determinam, na maioria das vezes, a produção do espaço.

A relação poder/política indicia outras relações, que se perpetuam em determinadas sociedades. Para Bobbio (2003), a política está de forma direta ou indireta relacionada à prática do exercício de poder. O poder e a política se inter-relacionam no território, conforme afirma Bobbio (2003, p. 137):

Emprega-se o termo “política”, normalmente, para designar a esfera de ações que têm relação direta ou indireta com a conquista e o exercício do poder último (supremo ou soberano) sobre uma comunidade de indivíduos em um território.

A afirmação de Bobbio (2003) é enfatizada pela ação de grupos que detêm o poder no município de Uberaba e, por meio de ações políticas, delineiam as ações que devem acontecer no espaço

em construção, desde que tais ações fortaleçam a reconstrução constante da hegemonia de determinados grupos¹¹.

Por conseguinte, esta análise da política e do poder, ausente nas obras dos escritores uberabenses que analisamos, é imprescindível para entendermos as transformações políticas, econômicas e sociais, e deixa para nós algumas inquietações, as quais nos motivam a avançar na pesquisa.

Na verdade, para quem estes autores escreviam? Quais os interesses que representavam? Existia alguma preocupação realmente no desenvolvimento econômico do município de Uberaba, ou, na verdade, contribuíram para a reconstrução do poder hegemônico atuante?

Em contrapartida, nos deparamos com um autor na década de 1930 que apresenta uma outra análise das relações de poder que permeia todo o município de Uberaba. Trata-se de Orlando Ferreira (1928), que, dentre suas obras mais instigantes, está *Terra Madrasta*, de 1928, e o *Pântano Sagrado*, de 1948. No livro *Terra Madrasta*, Ferreira contradiz de forma clara e objetiva todos os autores, até então analisados por nós. Refaz a leitura da situação política e econômica do município de Uberaba, tecendo fortes críticas aos grupos que estavam no poder.

¹¹ Segundo Bobbio (2003, p.137), “Para determinar o que o âmbito da política abrange, não se pode prescindir de especificar as relações de poder que em toda a sociedade se estabelecem entre indivíduos e grupos, entendendo-se poder como a capacidade de um sujeito influir, condicionar e determinar o comportamento de outro indivíduo. O vínculo entre governantes e governados, no qual se dissolve a relação política principal, é uma relação típica de poder”.

A postura dos políticos que se encontram no poder é o início da análise de Ferreira (1928, p. 25):

Uberaba é uma cidade mineira. Infelizmente está encaixada no Estado de Minas e por isso sofre também as conseqüências do atrazo mineiro: não progride. Entretanto, há homens aqui, uns uberabenses e outros não, que absolutamente não se corromperam, vencendo a influência do meio: possuem todos os requisitos para erguer o município, mas estão à margem porque a malfadada política mineira não os quer.

Desde começo de sua vida municipal, em 1836, até o ano de 1926, Uberaba não teve administradores que soubessem promover a nossa felicidade, desenvolvendo uma acção efficaz, intelligente e enérgica; foram todos nullos, inproductivos, tímidos e rotineiros.

O autor acima deixa clara a sua postura, enquanto questionador da situação do município de Uberaba, mudando completamente o foco de análise dos autores uberabenses, ou seja, ao lermos suas obras, constatamos uma postura crítica definida, diferente dos outros autores.

Outra característica importante de Ferreira (1928) é a clareza com a qual o autor se mantém quanto a todos os fatos descritos no decorrer de suas obras. Ao retratar as forças concorrentes e as forças oponentes que atuaram no município de Uberaba, o autor nomeia todas as famílias responsáveis, a seu ver, pela estagnação do município de Uberaba¹².

¹² Para Ferreira (1928, p. 26-27), "Ao contemplarmos Uberaba actual de todas as épocas, temos diante dos olhos a visão clara e nítida da grande desproporção que aqui existe entre as forças concorrentes e as forças oponentes. Uberaba é uma obra de liliputianos. Entre nós tem sido e são terríveis forças oponentes ao progresso do município:

1º - A administração

2º - A política

3º - O Clero

Outra análise feita por Ferreira (1928) diz respeito ao codinome de Uberaba, a “Princesa do Sertão”. A origem deste título, segundo Pontes (1978), teve início com a Lei Municipal 582, de 11 maio de 1928, que criou o Escudo do Município¹³ (Cf. FIGURA 01). É importante entendermos o significado dado pelos que, até então, estavam no poder, do título “Princesa do Sertão”, por intermédio do Escudo do Município e, em seguida, confronta-lo-emos com a análise de Ferreira (1928).

Conforme Pontes (1978, p. 1), o Escudo do Município abrangia os seguintes significados:

Escudo redondo português, encimado pela coroa mural, distintivo das cidades. Em campo vermelho (de goles), uma faixa de prata do início do escudo, simboliza o rio de água brilhante, o Y-berab, de onde procede o nome Uberaba. Uma asna, também de prata, conjugada à faixa, deixa no campo do escudo uma área irregularmente triangular que simboliza o Triângulo Mineiro e onde se estampam cinco estrelas de prata, postas em aspa, das quais a do centro é a maior e uma coroa de príncipe alto próximo da vértice da asna – simbolizando as cinco estrelas as principais cidades da região da Triângulo Mineiro, e a maior recorda a primeira de Uberaba – quanto a coroa do príncipe, rememora ela a autonomasia já antiga hoje secular, atribuída a Uberaba: “a Princesa do Sertão”.

4º - A empresa Força e Luz

5º - A família Borges

6º - A família Prata

7º - A família Rodrigues da Cunha”.

¹³ Segundo Pontes (1978, p. 2) “Eis, na sua íntegra, esta ato: Lei n. 582 , de 11 maio de 1928. Aprova o Escudo de Uberaba – O povo do município de Uberaba, por seus vereadores votou e eu, em seu nome sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica aprovado o escudo de Uberaba, bem como o uso do mesmo em sinete dos papéis oficiais do município.

Art. 2º - Para o pagamento da confecção do escudo fica o Sr. Agente Executivo autorizado a despender a importância que se fizer necessária.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário. Paço da Câmara Municipal de Uberaba, aos 11 de maio de 1928. Cumpra-se. O Diretor da Secretaria registre e publique: a) Dr. Olavo Rodrigues da Cunha – Presidente da Câmara e Agente Executivo. Registrada e publicada nesta secretaria da Câmara Municipal de Uberaba, aos 11 de maio de 1928. O Diretor I.R. Souza Borges”.



FIGURA 01 – Brasão do Município de Uberaba (MG) – 1928.

FONTE: BOLETIM INFORMATIVO DO ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA (2004).

Nessa perspectiva, a dos que estavam no poder, representados pelo Presidente da Câmara e Agente Executivo, o Doutor Olavo Rodrigues da Cunha, o município de Uberaba com seu “rio de águas brilhantes” é a principal cidade do Triângulo Mineiro. O memorialista Pontes (1978) apenas descreve os símbolos que reafirmam a condição de “Princesa do Sertão”, sem questionar os referidos atributos concedidos ao município de Uberaba. O que fica claro nos dizeres de Pontes (1978, p. 2): “O escudo de Uberaba é um conjunto de símbolos que resumem, expressivamente, a história e a Geografia do Município”.

Por outro lado, Ferreira (1928, p. 48) agrega outros significados ao título de “Princesa do Sertão”, ao confrontar a realidade do município de Uberaba:

Existia na época um grande equívoco em relação ao título de “Princesa do Sertão”.

As ruas de Uberaba... Ah! Essas ruas da famosa “Princesa do Sertão”. Eu até medito sobre impropriedade desse título. Ficaria melhor: Mucama do Sertão... Algumas fotografias que eu público (sic) no presente volume falam melhor do que qualquer narrativa. Verdadeiras alfurgas, são a nossa maior vergonha e a prova do desleixo, relaxamento e frouxidão que infelizmente emperam em nossa terra. Chamo portanto a atenção do leitor para as referidas fotografias, afim de se capacitar da verdade e do quadro espantoso que a velha Uberaba oferece aos olhos de todo o mundo. Vê-se em completo abandono, com as ruas sujas, cheias de capim, vassouras e buracos!

As fotografias a que o autor se refere estão nas próximas páginas, nas quais constata-se um total descaso com o município de Uberaba e reforçam ainda mais as inquietações que resultaram nesta nova “leitura” da realidade política e econômica e, conseqüentemente, do campo de poder aqui estabelecido. Torna-se claro que o aposto de Uberaba, “Princesa do Sertão”, não reflete a real situação do município ou, ainda, que para uma elite situacionista, ela realmente fosse uma “Princesa do Sertão”, porém, não com reis ou rainhas, mas com coronéis que impunham seu poder na política, na economia e no cotidiano de cada cidadão.

Ao analisarmos a foto da FIGURA 02, a qual retrata uma rua de Uberaba, no período em questão, constatamos o total descaso com a infra-estrutura urbana da cidade: as ruas com enormes buracos, sem

calçamento, a precária rede de esgoto a céu aberto, como podemos verificar. A cidade de Uberaba, conforme relata o autor Orlando Ferreira, era considerada a terceira maior cidade do Estado de Minas Gerais. Porém, nestas condições? A rua descrita acima (Rua São Sebastião), localiza-se na área central e nobre da cidade, o que nos remete a uma inquietação, mediante o total descaso. O que faziam os políticos uberabenses para a melhoria da cidade? Ou será que mesmo depois da Proclamação da República ainda permanecia a ação retrógrada e politqueira dos coronéis que iniciaram a história do município?



FIGURA 02 – Rua São Sebastião, na área centra de Uberaba.

FONTE: FERREIRA (1928).

Na foto da FIGURA 03, constatamos o total descaso com uma das principais ruas do comércio local uberabense – a famosa Rua do Comércio, atravessada de lama e buracos.



FIGURA 03 – Rua do Comércio – cheia de lama e poças de água.

FONTE: FERREIRA (1928).

O total descaso em que se encontra o município de Uberaba requer uma análise minuciosa das relações políticas locais, bem como o jogo de poder entre os políticos uberabenses. Neste contexto, faremos uma retrospectiva da conjuntura política desde a Proclamação da República (1889) até o ano de 1924, pois a continuação desta releitura política, até o ano de 1960, continuará no Capítulo 3 da dissertação.

Ao ser proclamada a República, assumiu a presidência da Câmara Municipal de Uberaba o coronel Wenceslau de Oliveira, o qual governou por poucos meses, e que nada acrescentou ao município,

apenas tapou alguns buracos, capinou as ruas e, como bom político uberabense, nomeou muitos empregados na câmara municipal (FERREIRA, 1928).

Com a renúncia do coronel Wenceslau, assumiu o jornalista José Augusto de Paiva Teixeira, cuja administração foi inexpressiva e também nada acrescentou ao município.

Com a primeira eleição na república, retornou ao poder o coronel Wenceslau de Oliveira que, mais uma, vez nada agregou ao município, contraindo uma dívida de 140 contos de réis e nomeando mais empregados para a câmara.

O descaso político torna-se uma rotina no município, as ruas esburacadas e com animais pastando por toda parte, conforme podemos observar nas FIGURAS seguintes, na Ladeira do Rosário (centro – Cf. FIGURA 04), caracteriza um município a mercê do total desinteresse de seus governantes.

O próximo a assumir a administração uberabense foi o coronel Anthero Ferreira da Rocha, cuja administração foi um grande desastre para o município, pois se apropriou do dinheiro público nas poucas obras que executou, conforme afirma Ferreira (1928, p.31):

Vem depois o coronel Anthero Ferreira da Rocha, homem de muito pouco cultivado, cuja administração foi um pavoroso desastre: durante o seu apagado e condenado governo, no intuito de tapar buracos, removeu muita terra para as enxurradas levarem [...], fez alguns metros de muros, capinou algumas ruas, mandou roçar as vassouras de certos lugares, nomeou e demitiu funcionários, matou cachorros, mando o engenheiro dr: PENNAFORTE construir por